

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

CESAR EPITÁCIO MAIA

Secretaria Municipal de Educação

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

Subsecretaria

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

Chefia de Gabinete

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

Assessoria Especial

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

Assessoria de Comunicação Social

LÉA MARIA AARÃO REIS

Assessoria Técnica de Planejamento

LUIZA DANTAS VAZ

Assessoria Técnica de Integração Educacional

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

Departamento Geral de Educação

LENY CORRÊA DATRINO

Departamento Geral de Administração

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

Departamento Geral de Recursos Humanos

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

Departamento Geral de Infra-Estrutura

JOSÉ MAURO DA SILVA

Redação Final

SIMONE MONTEIRO DE ARAUJO

Agradecimentos

ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELA CESSÃO DAS IMAGENS.

AOS PROFESSORES REGENTES DE SALA DE LEITURA PÓLO E SATÉLITES E REPRESENTANTES DAS EQUIPES DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO DAS DEZ COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO INTEGRANTES DO GT MÍDIA NOS ANOS DE 2001 A 2004, PELA PARTICIPAÇÃO NAS DISCUSSÕES DE APOIO À ELABORAÇÃO DO TEXTO.

À PROF.^a REGINA DE ASSIS PELA VALIOSA CONTRIBUIÇÃO NOS ORIGINAIS.

Créditos Técnicos

Coordenação Técnico-Pedagógica

LENY CORRÊA DATRINO

MARILA BRANDÃO WERNECK

NUVIMAR PALMIERI M. DA SILVA

ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA

CARLA FARIA PEREIRA

Equipe da Divisão de Mídia-Educação

ADELAÍDE CORRÊA LÉO

ANDRÉA DE FARIAS CASTRO

ANA MARIA SOUZA DA COSTA

ANA CRISTINA BOLDI FERNANDES

ARMINDIARA BRAGA LONGO DA SILVA

GIULIANA DIETRICH CARVALHO PIMENTEL

JACINTA MARIA DE JESUS MOREIRA

MANOEL DE ALMEIDA SOUZA

MARIA DAS GRAÇAS TEIXEIRA DOS SANTOS

MARILZE CORRÊA FELIPE

NEYLA MARIA TAFAKGI

REGINA HELENA MACHADO VEIGA

RITA DE CÁSSIA LIMA VAZ

ROSILÉA PACHECO DE AZEVEDO

SONIA REGINA ROSA DE JESUS

Equipe de Apoio

MARILENE MARTINS DE C. BARBOSA

SANDRA CONTI PADÃO

LAILA DE PAIVA PEREIRA

Criação de Capa e Projeto Gráfico

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER

DALVA MARIA MOREIRA PINTO

Fotografia

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Editoração Eletrônica

PADOX - COMUNICAÇÃO - 2ª EDIÇÃO

Supervisão e Produção Gráfica

GRÁFICA POSIGRAF - 2ª EDIÇÃO

Impressão

GRÁFICA POSIGRAF - 2ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação:** Sala de Leitura. 2.ed. Rio de Janeiro, 2007. (Série Temas em Debate)

Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

Em 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1055 Unidades Escolares, 241 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.

Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na

formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

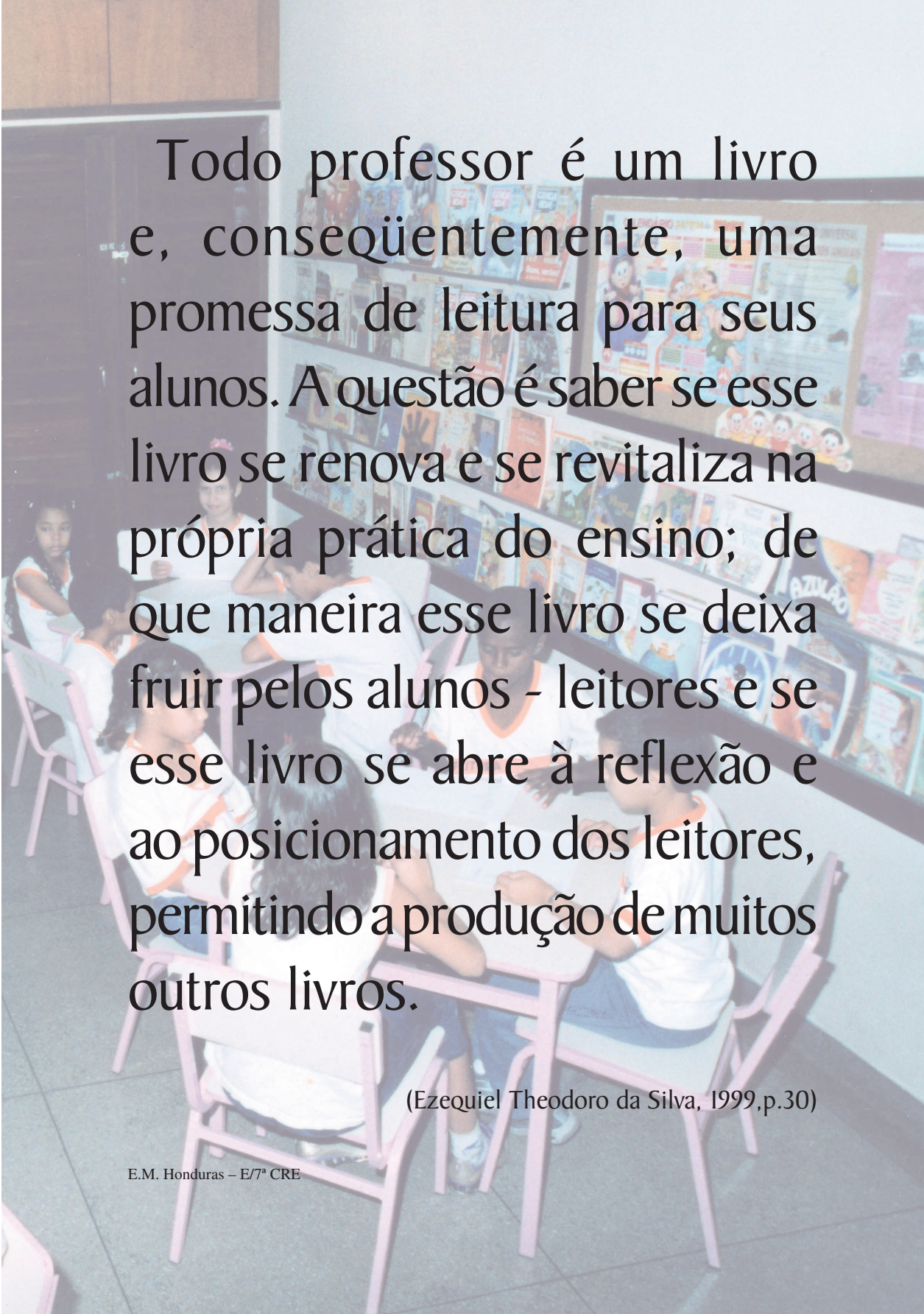
Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.



Sonia Maria Corrêa Mograbi

Secretária Municipal de Educação



Todo professor é um livro e, conseqüentemente, uma promessa de leitura para seus alunos. A questão é saber se esse livro se renova e se revitaliza na própria prática do ensino; de que maneira esse livro se deixa fruir pelos alunos - leitores e se esse livro se abre à reflexão e ao posicionamento dos leitores, permitindo a produção de muitos outros livros.

(Ezequiel Theodoro da Silva, 1999,p.30)

SALAS DE LEITURA

Uma história sobre a formação de leitores na escola...

As escolas da Rede Pública Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro contam com um espaço especial, voltado para a promoção da leitura e a formação de leitores: a Sala de Leitura.

O presente fascículo tem por objetivo apresentar os principais aspectos que constituem este trabalho, buscando situá-lo no contexto da escola e ampliando o diálogo estabelecido com a Rede Pública Municipal de Ensino para além dos limites de cada Sala de Leitura.

Organizado em partes denominadas *capítulos*, este documento, elaborado a partir da experiência acumulada por professores e alunos, é um convite à leitura e à reflexão sobre a importância do desenvolvimento de ações que tenham como eixo central o trabalho das Salas de Leitura e sua articulação com os demais espaços de formação do leitor na escola.



E.M. Bertha Lutz - E/10ª CRE

CAPÍTULO I

Era uma vez...

UM POUCO DE HISTÓRIA

A proposta das Salas de Leitura tem sua origem em 1985, como alternativa aos espaços de Multimeios e Bibliotecas Escolares existentes nas escolas, buscando ressignificar e redimensionar as práticas até então desenvolvidas. Propôs-se, naquele momento, uma nova dimensão pedagógica para o trabalho. Tal proposição refletia a necessidade de maior democratização do acesso aos diferentes meios de informação e comunicação e do desenvolvimento de um trabalho que privilegiasse a leitura crítica dos mesmos. Com isso, novos contornos foram definidos, priorizando a capacidade de ler e escrever o mundo na perspectiva da articulação do livro, principal agente educativo, com os demais portadores de textos: tevê, rádio, jornal, etc.

O acesso à informação, o aprofundamento e a constituição de conhecimentos, valores e atitudes representam os eixos principais do trabalho cujo fio condutor é o prazer de ler.

Em 1992, as Salas de Leitura passaram a se organizar em Salas de Leitura - Pólo e Salas de Leitura Satélites. As Salas de Leitura - Pólo são responsáveis pela irradiação, multiplicação e acompanhamento das orientações do trabalho, oriundas da Divisão de Mídia-Educação, para as demais Salas de Leitura, denominadas Satélites.

A partir de 1996, com a publicação da Resolução SME nº 560, foram definidas as atribuições do Professor Regente de Sala de Leitura e as diretrizes para a organização do trabalho. Consolidava-se, assim, a concepção da Sala de Leitura como estrutura integrada às práticas desenvolvidas nas salas de aula, no contexto do Projeto Político Pedagógico de cada Unidade Escolar.

A trajetória desse trabalho vem se constituindo no cotidiano de cada escola, onde professores e alunos se lançam ao desafio de continuar a escrita de novos capítulos para essa história.

Sala de Leitura

*Lugar de encontro
De muitos leitores/autores
De muitas leituras...
Lugar de (com)partilhar
E de (com)viver
Lugar de encontrar
Um bom motivo pra ler!*

CAPÍTULO II

Escola, Leituras e Leitores

BUSCANDO UM BOM MOTIVO PARA LER

MAFALDA



Quino

Que concepções temos sobre o ato de ler?

O que significa promover a leitura e a formação de leitores no contexto escolar?

Que caminhos favorecem a aproximação entre leitura na escola e na vida?

Questões como estas certamente estão presentes na reflexão de grande parte dos educadores sobre o papel da escola na formação de leitores.

Sabemos que a escola como instituição social, voltada para a produção e difusão de conhecimentos, não é a única via de acesso aos diferentes saberes. No entanto, cabe à escola assumir seu papel, considerando as relações que historicamente tem estabelecido entre prática educativa, leitura e leitores.

Segundo Regina Zilberman (apud SILVA, 2003, p.49),

[...] a leitura capacita o ser humano a pensar e agir com liberdade, combatendo o autoritarismo e outros 'ismos' que sinalizam a reprodução das estruturas injustas da sociedade. Nesta esfera, a educação e a escola desempenham um papel de suma importância [...]

A contribuição da escola, nesta perspectiva, aponta para a construção de um projeto de trabalho que sintetize as concepções, crenças e

aspirações do grupo, bem como as posições assumidas a partir do confronto entre a realidade existente e a desejada. Assim, as práticas de leitura desenvolvidas no interior da escola serão o reflexo da tensão entre o que efetivamente se realiza e o projeto de sociedade, de escola e de cidadão que se almeja alcançar.

Observa-se, muitas vezes, que as práticas de leitura na escola são colocadas apenas a serviço do aprendizado da língua materna ou do acesso a informações e conhecimentos específicos de outras disciplinas. Neste contexto, a leitura, assim como a literatura, não são devidamente valorizadas.

A superação dessa concepção se dá a partir da construção de novos sentidos para a prática docente, de modo que a escola perceba a leitura como um marco fundamental para a inserção dos alunos no universo simbólico de sua cultura, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Saramago (apud PAULINO e COSSON, 2004, p.107) expressa essa inserção como prática social promovida pela leitura:

Lendo fica-se a saber quase tudo, Eu também leio [...] há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, A não ser, A não ser, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar.

A leitura, na vida e na escola, traduz-se, portanto, numa experiência única em que o leitor-aluno pode, por meio de sua bagagem, ir além do escrito, buscando chegar a sua própria *margem do rio*.

Assim, conforme Paulino e Cosson (2004, p.112), a escola precisa apontar para

[...] a formação de um leitor maduro e crítico, que conviva com diferentes tipos de textos e que, quando for interagir com a literatura, saiba que, com suas próprias vivências, ele está recriando, agindo e dialogando com o texto, fazendo parte da história da recepção da obra.

Nesta perspectiva, a leitura, que por muito tempo foi oferecida como uma exigência escolar a ser cumprida de modo exclusivamente dirigido, não-espontâneo e não-desejado, deve dar lugar às práticas intertextuais, em que os alunos podem interagir com diversos textos e gêneros discursivos.

Ao identificar seu papel ativo frente a estes materiais, o leitor descobre-se a si mesmo, num processo em que, ao mesmo tempo, descobre a obra, lendo, relendo, escrevendo e reescrevendo sua própria existência.

Sim, havia aulas de leitura naquele tempo. A classe toda abria o livro na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o professor dizia ‘adiante!’ aí do que estivesse distraído, sem atinar o local do texto! Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do princípio ao fim da turma.

Mário Quintana

Outro aspecto importante a considerar é o fato de que ensinar a ler é, antes de tudo, ensinar a escolher. Mais do que submeter o aluno a uma lista interminável de *leituras recomendadas* para o ano letivo ou a outros *rituais de leitura*, obrigando-o a *tornar-se leitor*, a mediação do professor poderá favorecer o encontro dos alunos com diversos textos, de modo que possam, a partir deste exercício, selecionar o que, como, por que e quando querem ler. A possibilidade de escolha, pelo próprio aluno, de diferentes textos e materiais de leitura deve refletir, antes de tudo, sua consciência da importância do ato de ler e não apenas a exigência compulsória do cumprimento de uma tarefa.

Nesse processo a literatura desempenha um papel fundamental, já que

[...] é tanto prática social quanto modalidade de conhecimento. Ela se constitui numa prática social na medida em que se apresenta como atividade humana com objetivo de transformar a realidade através da relação entre os seres humanos e o mundo. Como fenômeno social, a literatura é influenciada pelos acontecimentos, pelo modo de pensar e de agir, pelos princípios filosóficos e epistemológicos que orientam determinadas sociedades. (PAULINO, 2004, p.67).

A fim de evitar a *didatização do texto*, as práticas de leitura literária na escola devem favorecer o exercício da criatividade, da alegria, da fantasia e da imaginação, uma vez que o compromisso do texto literário é com o simbólico, e sua função é, sobretudo, emancipatória.

A leitura de um clássico enriquece a visão de mundo do leitor e este, ao mesmo tempo, enriquece a obra, que se renova a partir da leitura feita.

Na perspectiva Bakhtiniana, a enunciação literária traz a marca da alteridade. No momento em que se revela ao outro, o autor já não é mais um único *eu*, dono da palavra. Sua voz e seu lugar se desdobram em outras vozes e lugares, recheados de múltiplos sentidos. Do mesmo modo, o leitor, a partir da leitura, já não é mais o mesmo. Ao visitar idéias, memórias e sentimentos, constitui nova subjetividade. Como afirma Boff (1997, p.78):

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. [...] Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

Nesse jogo de identidade e alteridade, professores e alunos devem juntos dialogar com os textos, negociando com os autores, personagens e narrativas os possíveis sentidos e buscando, mais do que ensinar literatura, aprender com ela.

“A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer eu.” (DELEUZE, 1997).

Muitas vezes, uma atitude de demasiada reverência do professor diante dos textos clássicos produz um sentimento de afastamento nos leitores iniciantes. A imposição de um único modelo interpretativo aos alunos, a fim de não causar nenhum *desvio de interpretação* da

obra, se contrapõe à própria natureza do texto literário, que na sua estrutura prevê a transgressão de regras, buscando causar efeitos diferenciados no(s) leitor(es).

O trabalho pedagógico relacionado à leitura precisa, portanto, estar compromissado com o prazer e com a sedução. Este processo se inicia a partir da seleção das obras, considerando os recursos de linguagem, a temática, os personagens, entre outros aspectos, de modo a possibilitar a articulação entre o próximo e o distante, no que se refere ao tempo-espaço da narrativa e dos leitores.

Outro fator de aproximação entre leitores e textos seria usar a estratégia de mudança do gênero discursivo, que também favorece a descoberta, pelo professor, do autor que há em cada aluno. Assim, os alunos podem produzir um vídeo ou roteiro teatral a partir de um clássico da literatura brasileira, ou transformar em matéria de jornal um fato ocorrido com um determinado personagem de uma narrativa ficcional. Estas ações exemplificam o que Bakhtin nomeia como “atitude responsiva ativa”.

É fundamental que a escola possibilite as trocas entre a literatura e outros textos de circulação social, contribuindo para a formação de leitores críticos, capazes de reconhecer que condições de enunciação diferentes geram textos diferentes e supõem diferentes pactos de leitura.

Cabe destacar que a leitura como atividade humana é dinâmica e tem também uma história que se constitui a partir de circunstâncias dadas socialmente. Deste modo, podemos dizer que, atualmente,

[...] estamos diante de uma mudança nos protocolos de leitura, que não significa, nem pode significar, a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo o que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos. Pois é por essa pluralidade de escritas que passa, hoje, a construção de cidadãos, que saibam ler tanto jornais como notícias de televisão, videogames, video-clips e hipertextos. (MARTIN-BARBERO e REY, 2001, p.62).

Com base nos estudos literários que destacam a recepção, tendo como foco o leitor, a pesquisadora Vera Teixeira de Aguiar (apud PAIVA, 2003) aponta 14 aspectos que caracterizam o leitor competente. Longe de se constituírem como modelo ideal, tais aspectos oferecem referenciais importantes para a reflexão da escola e de seus educadores.

Segundo a autora, o leitor competente é aquele que:

1 - Sabe buscar textos de acordo com seu horizonte de expectativas, selecionando obras segundo seus interesses e necessidades;

2 - Conhece os locais em que os livros e os demais materiais de leitura se encontram, tais como bibliotecas, centros de documentação, salas de leitura, livrarias, distribuidoras, editoras;

3 - Freqüenta espaços mediadores de leitura: lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores, seções especializadas em revistas, além dos citados anteriormente;

4 - Identifica livros e outros materiais (como jornais, revistas, arquivos) nas estantes, movimentando-se com independência na busca dos volumes que lhe interessam;

5 - Localiza dados na obra (editora, local e data da publicação, prefácio, sumário, índices, capítulos, bibliografias, informações de conteúdo específico);

6 - Segue as orientações de leituras oferecidas pelo autor, por meio dos elementos potenciais e dos pontos de indeterminação localizáveis no texto;

7 - Reconhece a estrutura de campo que o texto apresenta, preenchendo as posições tematicamente vazias, segundo sua maturidade de leitura e de mundo;

8 - É capaz de dialogar com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles, por meio de um processo hermenêutico que envolve compreensão, interpretação e aplicação;

9 - Troca impressões e informações com outros leitores, posicionando-se com respeito aos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e acatando os novos dados recebidos;

10 - Integra-se a grupos de leitores, participando ativamente de práticas de leitura oral e expressão dos conteúdos lidos em diferentes linguagens;

11 - Conhece e posiciona-se diante da crítica (especializada ou espontânea) dos livros e outros materiais escolhidos para leitura;

12 - É receptivo a novos textos, que não confirmem seu horizonte de expectativas, sendo capaz de alargar seu gosto pela leitura e seu leque de preferências, a partir do conhecimento do movimento literário ao seu redor e da tradição;

13 - Amplia seu horizonte de expectativas por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual;

14 - Dá-se conta, por meio da conscientização do que acontece no processo de leitura, do seu crescimento enquanto leitor e ser humano.

A promoção da leitura e a formação de leitores na escola são, portanto, tarefas das mais importantes, que não podem ser relegadas a segundo plano. Ao desenvolver práticas diversificadas de leitura, de modo crítico e criativo, a escola se constitui num espaço fundamental para a construção da “leitura de mundo” que, conforme Paulo Freire (1983), “precede a leitura da palavra”.

CAPÍTULO III

Sala de Leitura: lugar de encontros...

ALGUNS PRESSUPOSTOS QUE ORIENTAM O TRABALHO

Mas leio, leio. Em filosofias tropeço e caio, cavalgo de novo meu verde livro, em cavalarias me perco, medievo; em contos, poemas me vejo viver. Como te devoro, verde pastagem. Ou antes carruagem de fugir de mim e me trazer de volta à casa a qualquer hora num fechar de páginas?

Carlos Drummond de Andrade

Atualmente, a importância da leitura, reconhecida como prática social, é inquestionável. No entanto, no início da era moderna, quando começou a se expandir, o ato de ler chegou a ser considerado uma heresia. Do mesmo modo que, ainda hoje, alguns temem os *malefícios* da tevê e da Internet, no século XVI, um romancista narrava a figura de um sujeito viciado em leitura, que preferia os livros a qualquer outra atividade.

[...] o que surpreende é a declaração do narrador, estampada nos primeiros parágrafos da obra: o leitor, entregue à fantasia contida nos livros de leitura, perde o juízo, a ponto de abrir mão de sua identidade e criar, para ele mesmo, uma nova personalidade, construída a partir das personagens a que fora apresentado por meio das páginas impressas. (ZILBERMAN, 2001, p. 21).

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, muitos chegaram a anunciar o fim do livro face à supremacia das mídias eletrônicas, mas o que se observa é a transformação dos modos de ler e a ampliação de suas possibilidades, a partir da diversidade de textos e suportes textuais. Roger Chartier (2004), importante historiador do livro e da leitura, afirma que não se pode falar de uma crise da leitura como resultado dos avanços na comunicação eletrônica:

“as novas telas do presente são telas de texto, por assim dizer. Elas transmitem imagens, acompanhadas ou não de som, mas apresentam sobretudo um predomínio da escrita, em todas as suas funções: epistolar, documentária, didática, literária, etc.”

O trabalho a ser desenvolvido nas Salas de Leitura, e a partir delas, orienta-se pela compreensão da leitura como prática social que se dá dentro e fora da escola. A proposta se constitui, portanto, num poderoso instrumento de aproximação entre leitores e leituras, traduzindo-se num convite a toda a comunidade escolar para o encontro com diversos textos e diferentes suportes textuais. Nesse sentido, alguns pressupostos são estabelecidos, a fim de nortear o trabalho:

⌘ ***Ler o mundo, ler a palavra:*** para interagir com os diferentes tipos de texto de modo efetivo, não é suficiente ao leitor apenas decifrar/decodificar o que tem diante dos olhos. Mais que isso, é preciso compreender, interpretar e articular as informações, estabelecendo relações entre o que lê e a realidade em que vive;

⌘ ***Muitos textos, muitas leituras:*** a diversidade de textos e suportes textuais estabelecem, de acordo com sua função social, a necessidade do emprego de diferentes estratégias de leitura. Assim, a compreensão do perfil de leitor envolve o uso de diferentes modos de ler, adequando-os às suas necessidades, bem como o conhecimento das diferentes linguagens que circulam em sociedade;

⌘ ***Ler com os alunos/ Ler para os alunos:*** a formação do aluno-leitor pressupõe seu envolvimento em situações significativas de leitura, em que o prazer de ler ocupe o lugar central. O professor deve buscar inserir democraticamente seus alunos em práticas variadas, de modo que possam experimentar a leitura em diversos contextos e de diversas formas;

⌘ ***Professor-leitor, aluno-autor:*** partindo do entendimento de que todo professor é um formador de leitores, duas questões merecem destaque. A primeira refere-se à necessidade de que o educador se constitua como leitor, condição sem a qual qualquer projeto nesse sentido se inviabiliza. A segunda diz respeito à articulação de ações entre os professores de Sala de Leitura e os demais Professores Regentes. Tal integração contribui para a formação de alunos capazes de dialogar com os textos literários, científicos, históricos, entre outros, tanto na Sala de Leitura como na

sala de aula, criando e recriando seus próprios textos e, a partir deles, sua própria história;

⌘ ***Viver a Literatura***: a Literatura tem um papel fundamental nesta proposta. Mais do que ensiná-la, é preciso vivê-la. O livro, como ponto de partida e de chegada, se constitui num diferencial desta proposta. A partir das histórias contadas para os alunos ou lidas por eles, várias propostas devem ser apresentadas. Do mesmo modo, as atividades realizadas podem encontrar no livro seu ponto de chegada. A Literatura se constitui no eixo central do trabalho junto com os alunos, desafiando-os a refletir, argumentar, opinar e assumirem-se como protagonistas no processo;

⌘ ***Ler e escrever – transitivos do verbo viver***: leitura e escrita são processos distintos que não se confundem, mas se influenciam e se constituem mutuamente. Assim, as atividades propostas na Sala de Leitura favorecem não só o acesso a materiais de qualidade, mas também a apropriação de seus modos de produção pelos alunos, oportunizando a elaboração de seus próprios textos. Escrever livros, editar imagens, produzir sites são algumas das possibilidades;

⌘ ***Sala de Leitura e Sala de Aula***: as atividades e projetos propostos na/a partir das Salas de Leitura devem estar a serviço da ampliação da formação geral dos alunos e de sua possibilidade de interagir de modo mais efetivo com as diferentes áreas do conhecimento, na escola e fora dela. Assim, a proposta aponta para o enriquecimento do trabalho e não para a repetição do que já ocorre em sala de aula;

⌘ ***Sala de Leitura – um convite ao leitor*** : assim como as práticas a serem desenvolvidas, o ambiente da Sala de Leitura deve ser organizado de modo peculiar, com acervos variados e organizados, sendo um local agradável, acolhedor e convidativo, em que os materiais estejam ao alcance dos leitores que a procuram, dos pequeninos aos jovens e adultos.

CAPÍTULO IV

(Com)partilhando e (Com)vivendo...

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS SALAS DE LEITURA

As atividades desencadeadas nas/a partir das Salas de Leitura devem ser compreendidas no contexto de uma proposta de trabalho, que se articula com as demais ações promovidas na/pela escola, em consonância com o Projeto Político-Pedagógico. Não se trata, portanto, da mera elaboração e desenvolvimento de *eventos especiais*, que ocorrem de modo isolado e estanque. Nesse sentido, o desenvolvimento de Projetos de Trabalho constitui-se no principal eixo da metodologia, favorecendo a construção de práticas intertextuais e interdisciplinares.

As práticas de leitura escolar não nascem do acaso e nem do autoritarismo ao nível da tarefa, mas sim de uma programação envolvente e devidamente planejada, que incorpore no seu trajeto de execução as necessidades, as inquietações e os desejos dos alunos-leitores. (SILVA,1999,p. 49).

Os acervos das Salas de Leitura são constituídos por livros de Literatura Brasileira, Literatura Infantil e Juvenil, livros para a formação de professores, revistas, gibis, fitas de vídeo e áudio, CDs, jornais, obras de referência, tais como dicionários e enciclopédias. Também devem ser considerados os materiais específicos que atendem à necessidade de leitores que precisem de adaptações curriculares para realizar suas atividades (livros em braille, livros gravados em áudio, lupas eletrônicas etc). Os acervos de todas as escolas devem ser compostos de obras de reconhecida qualidade, assim como devem atender às especificidades e interesses de cada Unidade Escolar. O Professor Regente de Sala de Leitura é o responsável pela organização, dinamização e mediação na comunidade escolar para a composição desses acervos.

O desenvolvimento de projetos voltados para a formação do leitor, que incorporem o uso e a produção de diferentes mídias e suas respectivas linguagens (livro, revista, vídeo, jornal, rádio, internet, entre outras), pode envolver, dentre as múltiplas possibilidades que se apresentam:

- ⌘ contação de histórias e rodas de leitura;
- ⌘ realização de oficinas para professores e alunos;
- ⌘ orientação de pesquisas escolares;
- ⌘ realização de empréstimos dos acervos disponíveis;
- ⌘ divulgação de informações diversas: programações culturais da cidade, dicas de livros, vídeos e sites, entre outros;
- ⌘ encontros com autores (de livros, vídeos, sites, músicas, peças teatrais etc);
- ⌘ organização de visitas a espaços culturais;
- ⌘ desenvolvimento de estudos e pesquisas voltados para a área de promoção da leitura e formação do leitor, a partir da realidade da própria escola;
- ⌘ desenvolvimento de projetos e parcerias com instituições afins;
- ⌘ organização de clubes de leitura e cineclube.



Tamires Sinfônio de Miranda - E.M. Eustórgio Wanderley – E/9ª CRE

SALA DE LEITURA E BIBLIOTECA

Devido à centralidade do livro como objeto de conhecimento e pelas características próprias da composição dos acervos, muitas vezes as Salas de Leitura são chamadas de bibliotecas. No entanto, embora algumas atividades sejam semelhantes às atividades de uma biblioteca, a Sala de Leitura tem especificidades que a diferenciam desse espaço.

Inicialmente, destaca-se o fato de que o profissional responsável pela Sala de Leitura é um professor regente, com experiência pedagógica para articular todo trabalho de promoção da leitura ao Projeto Político Pedagógico da escola e à sala de aula. Ele participa de capacitações voltadas para a composição, gerenciamento e dinamização de acervos, de modo a acompanhar o processo de formação do leitor-aluno, de forma global e sistemática.

Outro aspecto importante é a compreensão de que o trabalho na Sala de Leitura pressupõe o planejamento, o acompanhamento e a avaliação de um processo pedagógico desencadeado por projetos voltados para a “leitura de mundo”, na perspectiva da convergência de mídias.

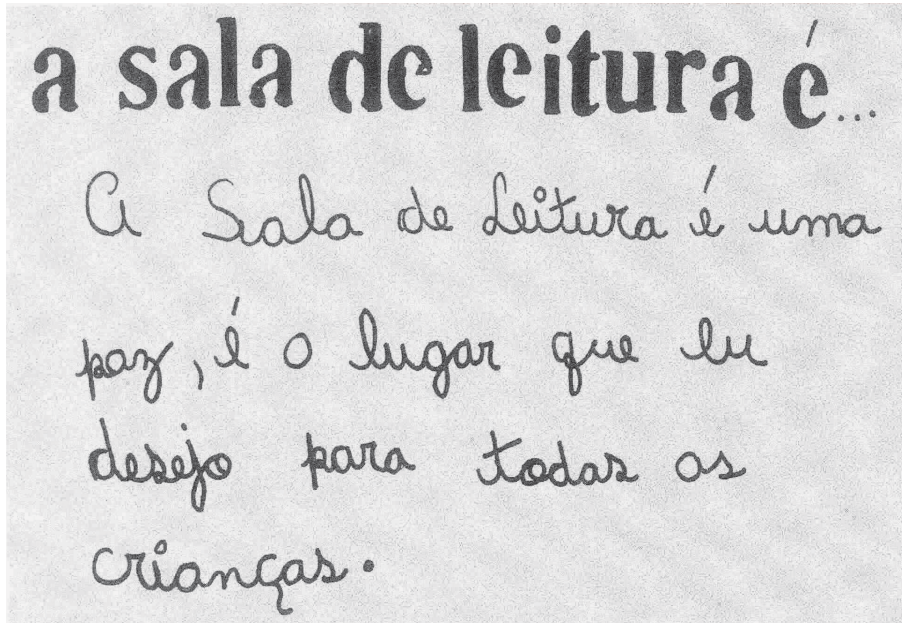
No ano de 2002, os professores de Sala de Leitura reunidos no Grupo de Trabalho – GT Mídia – destacaram o principal aspecto que sintetiza as especificidades de seu trabalho: a Sala de Leitura deve coordenar ações de promoção da leitura e de formação de leitores na escola, contribuindo inclusive, para a construção de atitudes e referenciais que orientem alunos e professores a buscarem, por iniciativa própria, o espaço das bibliotecas como exercício da *cidadania leitora*, traduzido no direito ao acesso a informações e bens culturais socialmente produzidos e sistematizados.

EPÍLOGO

Entrou por uma porta, saiu pela outra...

Com as portas abertas para toda a comunidade escolar, as Salas de Leitura constituem-se em espaços acolhedores, que convidam os leitores – crianças, jovens e adultos, a uma viagem cujo roteiro se estabelece coletivamente.

O acesso aos acervos disponíveis, bem como ao espaço da Sala de Leitura, é um direito de toda a comunidade escolar e precisa ser planejado de modo que as atividades não se limitem a uma grade de horários que *escolarize a hora da leitura*. Tais atividades podem ser coordenadas pelo próprio professor de Sala de Leitura, assim como pelos demais professores regentes. A utilização responsável do espaço e o cuidado com os acervos é responsabilidade de todos.



Marcelo de Almeida - E.M Panamá – E/2ª CRE

O planejamento do trabalho deve oportunizar a realização de atividades que aproximem leitores e textos, seja por meio de projetos específicos ou pela possibilidade do acesso ao espaço por livre iniciativa do leitor. Entrar na Sala de Leitura e passear pelos diferentes acervos, pelo simples prazer de descobrir curiosamente o que se encontra em cada estante, poderá ser igualmente estimulado, de modo que, ao abrir a porta da Sala de Leitura, outras portas se abram ao leitor...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. de. **Farewell**. 8. ed. Record, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O. **Leitura**: práticas, impressos e letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRAGGIO, S.L.B. **A leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, J. 2.ed. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulus, 2000.

CHARTIER, R. Leitor também é autor. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 jul. 2004. Caderno Prosa e Verso.

DALLA ZEN, M.I. **Histórias de leitura na vida e na escola**: uma abordagem lingüística, pedagógica e social. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1983.

GÓES, L. P. **Olhar de descoberta**: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARTIN-BARBERO, J.; GEHMÁN, R. **Os exercícios do ver**: Hegemonia Audiovisual. São Paulo: SENAC, 2001.

PAIVA, A; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.) **Literatura e Letramento**: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PAULINO, G.; COSSON, R. **Leitura literária**: a mediação escolar. Belo Horizonte: FALE, 2004.

QUINO. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

QUINTANA, M. **A vaca e o hipogrifo**. Porto Alegre: Garatuja, 1977.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação**: Núcleo Curricular Básico. Rio de Janeiro, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 560, de 1996. Dispõe sobre o funcionamento das salas de leitura nas unidades escolares oficiais da Rede Municipal de Ensino e dá outras providências. Rio de Janeiro, jan. 1996.

SILVA, E.T.da. **Conferências sobre Leitura**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Criticidade e Leitura**: ensaios. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

_____. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Leitura em Curso**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Unidades de Leitura**. Campinas: Autores Associados, 2003.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

Impressão e Acabamento
Gráfica Posigraf
Fone: 41 - 3212-5400
email: posigraf@posigraf.com.br
Curitiba - PR - Brasil